

CRUZ CREDO! AS CRUZES DE BEIRA DE ESTRADAS COMO MONUMENTOS MACABROS

Renner Patrick C. Vilela¹ (IC)

Eliézer Cardoso De Oliveira² (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiáí, Anápolis - GO, 75110-390

Resumo: O presente trabalho busca realizar uma análise histórica e estética de um elemento da cultura popular dos sertões do Brasil: o costume de colocar uma cruz no local onde houve uma morte violenta. Para realizar essa análise, no entanto, faz-se necessário entender alguns conceitos e traçar uma linha histórica acerca do tabu em relação à morte, o significado cultural e religioso das cruzes no cristianismo popular e o aspecto monumental e estético dessas cruzes.

Palavras-chave: Monumento. Memória. Cruzes. Cultura. Estética

Introdução

A humanidade, desde os seus primórdios, busca responder algumas questões inerentes à própria existência. Questões sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos permeavam o imaginário dos nossos antepassados, continuando a permear o nosso até os dias de hoje. Portanto, um dos maiores questionamentos e indagações do ser humano se dá em volta da morte.

O fim da vida, para além das inúmeras indagações filosóficas é alvo de imensa curiosidade e tabu, bem como rituais, crenças e costumes que se alteraram e ganharam novas formas conforme a passagem da humanidade pelo tempo. Esse trabalho busca realizar um estudo sobre uma desses costumes de manter a memória daqueles que já se foram: as cruzes de beira de estrada.

Essas cruzes, usadas para demarcar um local onde ocorreu alguma morte violenta, muitas das vezes por decorrência de algum acidente, são um elemento do catolicismo popular brasileiro. As cruzes acabam por ser tanto uma forma de

¹ Discente do 8º período de Licenciatura em História do Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCESH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). rennerpatrickcv@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela UnB. Professor do curso de História e do TECCER da UEG/Anápolis

homenagear o morto, como uma forma de manter a memória da tragédia, além de um ponto físico no imaginário onde o mundo dos vivos toca o mundo dos mortos. Embora tenham ficado cada vez menos comuns com o avanço da modernidade, ainda é possível encontrar alguns remanescentes desse elemento da cultura popular nas rodovias dos interiores e sertões do país.

O presente trabalho tem por objetivo principal realizar um resgate desse elemento da cultura popular que vem se perdendo com o passar dos anos, assim como analisar o motivo pelo qual isso acontece. Para realizar o estudo, trabalharei com três frentes: a primeira é analisar as cruzes de beira de estrada como simbologia da morte. Para entender isso é necessário entender alguns tabus em relação ao corpo morto, ou no caso, ao local em que ele morreu (RODRIGUES,1983. DURKHEIM,1996.). A segunda frente é realizar uma análise das cruzes como monumentos, sendo o principal motivo para sua construção o desejo de manter viva a memória de alguém (HALBWACHS, 2003, NORA, 1993, CHOAY, 2006) A terceira é analisar as características estéticas das cruzes onde, mesmo que sejam modestos, ainda são existentes, e podem facilmente serem classificados como estética do sublime (BURKE, 1993).

Resultados e Discussão

Durante todo o percurso da humanidade pela História e nas mais diferentes culturas, o ser humano possuiu diferentes formas de lidar com seus mortos. Contudo, apesar de em algumas sociedades o corpo morto ser venerado, na grande maioria das culturas há um afastamento em relação ao mesmo. Diversos são os fatores que motivam esse afastamento: para nossos ancestrais pré-históricos, a questão era sobrevivência, uma vez que o cadáver poderia atrair predadores indesejados, portanto, costumava-se sepultar os mortos.

Com o passar dos anos, a busca pela sobrevivência e questões sanitárias foram ganhando novos aspectos, passando a ser envolvidas em ritos e mitos que passaram a perpetuar a mentalidade dos humanos em relação ao corpo morto. A

Bíblia diz que “Aquele que tocar algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias” (BIBLIA, Nm, 19, 11). Sendo assim, sabe-se que o corpo morto requer um cuidado especial, pois, sendo considerado por algumas culturas como um ser sagrado “tudo que está ou esteve em relação com ele se encontra, por contágio, num estado religioso que exclui todo contato com as coisas da vida profana” (DURKHEIM, 1996). Portanto, devido a essa necessidade da separação entre corpos vivos e mortos, a humanidade passa a criar lugares para que se pudesse fazer o corpo após o fim de sua vida. Os egípcios com suas pirâmides, os gregos possuíam suas necrópolis, assim como os romanos, que também separavam o mundo do vivo dos mundos dos mortos

“O mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos. É por isso que em Roma a Lei das Doze Tábuas proibia o enterro in urbe, no interior da cidade. O código Teodosiano repete a mesma proibição, a fim de que seja preservada a sanctitas das casas dos habitantes. A palavra unus significa ao mesmo tempo o corpo morto, os funerais e o assassinato. Funestus significa a profanação provocada por um cadáver. Em francês, resultou na palavra funesto (funesto)”. (ARRIES, 1977)

Com a Idade Média, os ritos de enterro ganharam novas características. Com o crescimento dos adeptos ao cristianismo e a adoção do mesmo como a religião oficial em Roma, muitos dos aspectos utilizados para com os mortos na antiguidade clássica foram ressignificados para que pudessem ser adotado pelos cristãos. A imortalidade da alma, na qual os católicos creem, passa a ter relevância sobre o local em que o corpo morto está, uma vez que é nesse ponto que o costume de enterrar os mortos ganha características similares as práticas funerárias atuais, com os enterros passando a serem feitos em cemitérios. Esses cemitérios, por sua vez, ficavam geralmente em terrenos considerados santos, nos fundos de Igrejas. Contudo, na Alta Idade Média, os túmulos visíveis, como eram durante na Antiguidade Clássica, passaram a ser cada vez mais raros, reaparecendo partir do século XII e aumentando sua ostentação do século XVII ao XV (ARRIÉS, 1977), onde as lápides passariam a ganhar uma característica monumentária que perdura até hoje.

A ideia de se construir monumentos para lembrar seus mortos, por sua vez, é tão antiga quanto os próprios ritos de sepultamento. As próprias pirâmides do Egito são grandes monumentos fúnebres. As intenções por trás da construção de um monumento para, por si só, já seria fruto de um intenso e grande trabalho de pesquisa, contudo, pode-se apontar algumas relações entre monumento e memória que são válidas para a análise do objeto aqui pesquisado. Durante um grande período de tempo da história da humanidade, os monumentos foram utilizados para lembrar a morte ou os grandes feitos de grandes homens, raramente sendo utilizados para manter viva a memória de homens comuns. Com o passar dos anos no entanto, essa característica foi sendo alterada, e os monumentos, mesmo que simples, como lápides de cemitérios, mausoléus ou até mesmo o objeto estudado nessa pesquisa, a cruz de beira de estrada, foram sendo incorporados na cultura popular e passando a serem utilizados para marcar o local da morte ou do enterro dos entes queridos. O historiador francês Phillipe Arriés (1977) aponta o momento em que se volta a utilizar os monumentos como marcações de túmulos, dizendo que

Do século XIII ao XVII tornar-se-á um hábito cada vez mais frequente designar, por uma inscrição, uma imagem pintada ou um monumento, a imagem precisa da sepultura ou apenas sua proximidade. (ARRIÉS, 1977)

O doutor em Sociologia Eliezer Cardoso de Oliveira aponta em seu artigo A Monumentalização da Dor (2017), que “Os monumentos são importantes depósitos de representações coletivas de um povo, lugares de memória...” e “O monumento remete ao passado, mas a sua intencionalidade está direcionada ao futuro, como muito bem afirmou Alois Riegl (2006, p.43)”. Portanto, é válida a análise do objeto estudado neste trabalho como monumento, uma vez que ele remete à memória de um ente falecido, além de estar direcionado ao futuro, com a cruz sendo colocada nas estradas tanto por motivos religiosos ou como forma de prestar homenagem ao falecido, ou até mesmo advertir perigo.

As cruzes de beira de estrada, logicamente não são monumentos clássicos, como aqueles situados nas praças e parques das cidades, ou até mesmo as lápides e mausoléus mencionados anteriormente. Mas elas contemplam as principais

definições de monumento que foram propostas por Françoise Choay (2006), no livro *Alegoria do patrimônio*, uma vez que ela tem visibilidade pública (maior até do que muitos monumentos), o seu significado cultural é claro para a maioria dos expectadores e ela tem a função de lembrar algo. Não custa ressaltar que o desejo de memória (Halbwachs, 2003, Norá, 1993; Pollack, 1998) é o principal mote para a construção de monumentos. Elas também possuem elementos estéticos, que serão analisados mais a frente.

O uso de uma cruz para demarcar o local onde jaz um corpo morto é utilizado, em sua maioria, por praticantes da vertente católica do cristianismo, e é um costume cujo a origem remonta ao já referido medieval; é a partir da Alta Idade Média, com o crescimento dos adeptos a religião, que o símbolo foi ficando cada vez mais comum, passando a ser utilizado não somente pelo Clero em cerimônias oficiais, mas também pelos fiéis comuns. Ao alcançar as massas populares, o símbolo passa a adquirir novos usos e significados, sendo usada para marcar o lugar onde jaz um corpo morto.

A partir do momento em que as cruzes passam a ser adotadas pelas camadas populares, elas também passam a ser utilizadas de diferentes formas: seja como talismã, ao pescoço, em altares de casas, em lápides de cemitérios, e da forma como esse trabalho se propõe a estudar: em beiras de estrada, para marcar o local onde houve uma morte violenta.

Essa prática ritualística da fé católica tem sua origem nebulosa. Não se pode precisar ao certo o momento em que as cruzes deixam de marcar apenas as lápides em cemitérios para poder marcar não o local onde o corpo repousa em sono eterno, mas sim o local onde ocorreu a morte. Em seu poema, “A Cruz Na Estrada”, Castro Alves fala sobre essa prática, porém de uma forma diferente da que temos hoje:

A Cruz da Estrada

Castro Alves

Caminheiro que passas pela estrada,

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe
compôs.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as
matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

(Alves, 1865)

Neste poema, publicado em 1865, a cruz de beira de estrada parece não demarcar o local em que ocorreu a morte violenta como ocorre atualmente, mas é um adereço simbólico da sepultura de um escravo. Além do mais o poema faz referência a uma prática ritual de os passantes jogarem “alecrim cheiroso” na cruz. A cruz de beira de estrada como sepultura de escravos também foi apontado por Clarisse de Franco, em sua obra: *A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico*

Finalmente, para os escravos mais distantes da casa e os escravos da cidade, os cultos fúnebres não tinham grande relevância. Seus corpos eram enterrados em covas rasas, com cruces negras de identificação das sepulturas, e sua memória ficava relegada a um plano bem inferior e esquecido na sociedade. (FRANCO, p. 2010)

Esses dois exemplos demonstram que a cruz de beira de estrada incorpora a ambiguidade que os seres humanos imputam ao corpo morto. A morte da pessoa querida precisa ser lembrada com alguma construção material – uma lápide no cemitério, um mausoléu, um memorial, ou uma simples cruz na beira de estrada. Contudo, o lugar em que ocorreu a morte ou o local em que o corpo está sepultado é objeto de tabus, marcado como local de morada de espíritos maus e assombrações.

É visível no entanto, que no avanço da modernização das cidades e estradas, durante a construção, pavimentação e duplicação de ruas, estradas e avenidas, muitas dessas cruzes foram destruídas, fazendo com que seja cada mais difícil encontra-las. Durante o período da pesquisa, realizei um trabalho de campo, fazendo um levantamento das cruzes de beira de estrada que foram possíveis de serem encontradas. Percorrendo os trechos da GO-330 e GO-010, que compreendem os municípios de Anápolis, Leopoldo de Bulhões e Sylvania, fotografei e registrei todas as cruzes que puderam ser encontradas nesse trecho. É fato que, mesmo em uma rodovia pouco movimentada, sem duplicação e com poucas reformas, as cruzes estão cada vez mais escassas. Contudo, foi possível avistar algumas. É válido ressaltar que elas possuem diferenças estéticas entre si. Existem cruzes melhores adornadas, com terços, algumas colocadas em pedestais, algumas com flores colocadas até mesmo recentemente, pois ainda não estavam secas, mostrando uma preocupação dos entes do falecido em manter viva a memória e realizar homenagens à sua morte.

Dentre essas cruzes, chamaram-me a atenção duas cruzes colocadas uma em frente a outra, próximo ao trevo de Leopoldo de Bulhões, na GO-010. Realizei uma pesquisa dos nomes contidos nas cruzes e descobri que o lugar em que elas estavam postas foi o local de um acidente que ocorreu em 2015, envolvendo dois carros que colidiram de frente, vitimando seus respectivos motoristas, de famílias e cidades diferentes. As cruzes, elevadas modestamente no exato local do acidente, ali estão até hoje, para que além de manter viva a memória das duas pessoas que ali faleceram, possa servir de aviso sobre a periculosidade do trecho.

Como mencionado anteriormente, as cruzes de beira de estrada podem sim serem consideradas, como monumentos, e mesmo não sendo um monumento da forma clássica, elas possuem características que fazem com que seja possível

enquadrá-las como tal. E, sendo um monumento macabro, as cruzes de beira de estrada possuem qualidades estéticas. É bem verdade que os seus elementos estéticos são bem modestos se comparados a outras construções macabras, como os memoriais, as lápides, os mausoléus. Contudo, há um esforço de embelezamento, seja nos detalhes da cruz, seja na grafia do nome do morto, seja nos pequenos altares que às vezes a acompanha. Portanto, pode-se enquadrá-las em uma das classificações da filosofia da estética. Considerando isso, após a pesquisa e leitura do material teórico, pude facilmente classificá-la como estética do sublime, uma vez que, segundo Burke (1993), o assombro é uma das principais características do sublime, sendo seguidos pelo respeito, admiração e reverência. Ainda citando Burke para que me ajudar na classificação das cruzes como uma estética do sublime:

O medo ou o terror, que é uma percepção da dor ou da morte, manifesta-se exatamente pelos mesmos efeitos, com uma violência proporcional à proximidade da causa e à fragilidade do indivíduo. (BURKE, p.137)

Inegavelmente, as cruzes de beira de estrada constitui uma representação estética da percepção da morte

Considerações Finais

Apesar de cada vez menos comuns, ainda é possível avistar algumas dessas cruzes percorrendo estradas que ainda não foram duplicadas ou não sofreram reformas recentes. Essas cruzes podem trazer diversas reflexões pertinentes, algumas das quais foram abordadas nesse trabalho. É interessante analisar que estamos condicionados a considerar monumentos apenas aqueles expostos em praças públicas, grandes estátuas, placas, dentre outros, que acabamos por ignorar esse monumento, singelo e muitas vezes esquecido, porém carregado de história e significado. Contudo, para além das análises sobre o significado e da classificação

estética, é importante analisar também a forma como os costumes se alteram, e muitos deles caem no esquecimento

Sendo um elemento da cultura do catolicismo popular das pequenas cidades do sertão do Brasil, é possível analisar e concluir que esse costume está caindo no esquecimento, tornando-se cada vez mais subalterno.

Agradecimentos

Ao professor Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira, pela excelente orientação, que me proporcionou um crescimento intelectual e um entendimento significativamente maior do que eu possuía em relação à todo o objeto estudado durante esses doze meses de pesquisa; à UEG e ao CNPq e seu programa de bolsas, por terem me permitido essa experiência.

Referências

ALVES, Castro. **A cruz da Estrada**. Recife, 1865. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/prosaepoesia/0010.html>

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

AZEVEDO, Luana Barros de. **Uma cruz na beira do caminho: o imaginário jardinese sobre as cruces de uma estrada**. Monografia (Curso de História). UFRN, 2014.

BRAGA, Laura Santos. PRE-GO registra acidente com duas vítimas fatais na GO-010. **Diário de Goiás**. 18 de Fevereiro de 2015. Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/pre-go-registra-acidente-com-duas-vitimas-fatais-na-go-010/>

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Campinas: Papyrus, 1993.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2006.

DURKHEIM, Emille. **Formas elementares da vida religiosa**. SP: Martins Fontes, 1993

FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). PUC/SP, 2008.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, J.C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p.61